



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

UMA VIAGEM AO POLO

Por I. PARDILHÓ

Desenhos de A. CASTANE

ERA ao alvorecer da madrugada, e vós, leitores pequeninos, dormíeis ainda, tranquila e sossegadamente, o sono da manhã, e a vossa imaginação sonhava sonhos de maravilhas, voando alegremente pelo espaço, de mãos dadas com os anjinhos do céu.

Pelas cidades começava o rumorejar do movimento. E pelo silêncio das aldeias prepassava, suave e brando, o toque matutino das *Avé-Marias*...

Pelos caminhos, húmidos e frios do orvalho, passavam os primeiros camponeses. E descalços, róticos, famintos, a tiritar, a carpir-se e a padecer, caminhavam os *pobreziños*...

As avezinhas chilreavam contentes o hino da alvorada. Ia rompendo o dia, um dia radiante de luz, esplêndido de calor.

E só vós, leitorzinhos pequenos, dormíeis ainda docemente, sossegadamente, sonhando com os anjinhos do céu...

De norte a sul de Portugal, andavam em contenda os povos, numa discussão originalíssima.

— Era um gato!

— Era um pato!

— Era um galo!

Teimavam uns, discutiam outros. E até na Galiza, onde já haviam chegado os clamores, se questionava:

— E' um *pérro*, *demo!*

Quem, como vós, não se levanta cedo, não podia achar explicação para esta contenda. O que é certo é que nessa manhã, quando o sol ainda não assomara à janela do seu palácio, tinha passado um dirigível em direcção ao norte.

Vós não o vistes, porque, de contrário, haviéis de o ter saudado. E' que, dentro dele, iam os vos-

sos amiguinhos Pim, Pam e Pum, feitos exploradores, enfarpelados em tão felpudas peles que nos meteriam medo, a caminho do Polo!

Sempre o perigo a excitar-lhes os seus espíri-



tos audazes! Sempre o sonho das aventuras a alvoroçar-lhes as suas imaginações temerárias!

Pim, Pam e Pum não trabalhavam a bordo, na direcção do dirigível.

Pim escrevia a reportagem da expedição. Pam, ao serviço de uma empresa americana, filmava as

(Continua na página 4)



MARIA FERDANDA de MATOS e SILVA (DYNETTE)

(CONCLUSÃO)

Ruy, abrindo a cota de malha, tirou do pescoço um colar de ouro, onde pendia uma cruz de diamantes, que fôra de sua mãe, e entregou-o a Zaira.

— Aqui tens o simbolo do teu martírio e que o Senhor te ilumine e proteja! — murmurou, estendendo a mão e abençoando a jovem moura, inclinada e submissa.

Pelos olhos do velho Emir passou um relâmpago de reconhecimento e, antes de se sumir na escuridão do corredor, que os levava á liberdade, beijou a mão que Ruy não poudé retirar a tempo.

— Nunca mais trabalharei contra o teu Deus, Cristiano!

A porta rodou nos gozcos com um ruído surdo, como momentos antes, e Ruy, emocionado, voltou-se para sair.

Junto da porta, um homem presenciara toda a scena: era um frade que acompanhara os Cruzados e que Ruy deixara junto do doente.

— Nada tendes a temer, nobre cavaleiro de Riba Flór; eu nada vi, nada ouvi!

E, como Ruy lhe estendesse a mão, em sinal de agradecimento, elle continuou, os olhos claros, de santo, postos nos olhos leais do moço fidalgo:

— Dou-vos a boa nova de que mestre Gorjaz, Físico de Montebelo, declarou seu amo salvo. Obrastes mais esse milagre, D. Ruy?

Adozinda ha muito tempo que não tinha novas da guerra; as ultimas não eram boas e já lá iam meses. Seus olhos de ouro líquido, volviam-se pensativos para o Levante, e, todas as tardes, com a velha tia resmungona e suas donzelas e pagens, ia sentar-se junto da janela da torre de menagem, os olhos cravados ao longe.

Passara-se um ano sobre a partida dos Cruzados, passara o verão com os seus esplendores, viera o inverno com o seu cortejo de tristezas, o seu manto niveo de gelada neve, a nortada impiedosa, as chuvas incessantes, e outra a vez a Primavera acordara nos campos os pássaros adormecidos, vestira de verdes folhas as árvores, adornara os campos de relva fina e os esmaltara de malmequeres dourados e de papoilas.

Durante todo esse tempo, Adozinda rezara, sofrera com os humildes, visitando-os nas suas casinhas singelas, trabalhara para os velhos e para os pequeninos.

E nas horas de ócio que lhe deixavam os seus múltiplos afazeres de nobre castelã, sentava-se na torre em ameias que dominava o vale em redor, e, tangendo a sua harpa de ebano ou bordando toalhas de altar, não desistava a longinqua volta de caminho onde desaparecera ha tanto tempo seu pai e os seus apaixonados pretendentes.

Tornara-se mais bela naquele ano de ausencia, mais alta, mais branca, mais senhoril e com os seus lindos olhos cõr do louro mel, o manto de ouro cendrado dos cabelos anclados, parecia uma imagem de santa.

Vestia sempre de luto, como elle nessa época se usava,

alvo, em vez da triste cõr negra, e o seu coração puro e amante de luto andava também.

Nessa tarde de Abril suave e linda, Adozinda fiava junto da janela enquanto um pagem, louro e engraçado, lhe cantava ao alaiude uma história de amor.

A velha tia tecia açodadamente um linho branco e perfumado a flôres, a um canto da imensa sala, mas embora fõsse grande o barulho do tear, Adozinda escutava enlevada, o canto do pagem-sito.

A jovem castelã, alegre nem sabia porquê, naquele dia, nem tentava dissuadi-la daquele barulhento trabalho, pois quando uma idea entrava na cabeça da velha



dona não a deixava tão depressa, e, conformando-se áquelle estrepido, seguia distraida e divertida as visagens agrotadas do louro cantor, imitando os modos bruscos da velha senhora. Mas, quando os seus olhos distraídos se volveram para fora, um grito de pasmo e louco contentamento fez-lhe largar a roca.

A dois passos da ponte levadiça, envoltas em nuvens de poeira, as hostes dos Cruzados formavam no terreiro.

A' frente, um velho cavaleiro de longas barbas cõr de prata empunhava a espada de comando, enquanto três cavaleiros erguiam bem alto á sua volta os estandartes de Montebelo, Riba Flór e Penha Negra.

Em louca carreira, gritando, chorando, rindo, Adozinda esquecendo mais uma vez os seus modos senhoriais, corria para a porta principal, aberta já sobre a ponte levadiça, agora descida e acolhedora.

E só parou quando sentiu, de encontro ao seu, o coração do pai batendo desabaladamente.

Mil gritos de alegria esvoaçavam pelos ares como bandos de andorinhas anunciando o bom tempo e depois das despedidas ficaram apenas no terreiro o velho senhor de Montebelo, os dois enamorados cavaleiros e os outros senhores que faziam parte da sua casa.

Então, quando já mais sossegados os ânimos, começavam as narrativas dos altos feitos, o velho conde sentado na sua cadeira de alto espaldar, virou-se para Adozinda e indicou-lhe os seus primos.

Alvaro voltara mais garboso ainda da guerra, mais queimado, o rosto orgulhoso, mais largos os ombros fortes e varonis.

O seu olhar era ardente, tinha qualquer coisa de tão altivo, de tão desdenhoso, que Adozinda córou de desprazer.

Ruy, sentado modestamente sobre uma cadeira baixa, parecia alheio ao que o rodeava, um véu de indizível tristeza a empanar-lhe o brilho escuro do olhar.

O rosto continuava magro e pálido, mas nas suas feições correctas lia-se tanta nobreza, tanta bondade que Adozinda sentiu o coração batendo-lhe alvoroçadamente no peito.

Chegara a hora decisiva de escolher, mas, uma indecisão, uma perturbação imensa tomara-lhe a alma.

Foi a tremer que murmurou:

—Contai, então, cavaleiros, as façanhas que o amor de Deus vos inspirou!

Alvaro sorriu, satisfeito, deitando ao rival um olhar de comiserção e respondeu de pronto:

Por amor de vós foram, senhora prima, os modestos feitos nossos. Vosso pai, melhor que ninguém, vo-los pode contar! E distendia o peito com orgulhosa vaidade.

Com voz compassada, mas cheia de admiração, o velho contou os feitos heroicos de Alvaro Penha Negra, denodado batalhador que vencera duas grandes batalhas e se distinguira com o seu destemido gesto, na vitória que puzera termo ao cerco e decidira a conquista de um poderoso reino. Brados de entusiasmo se levantaram durante toda a narração e quando o velho senhor se calou, havia animação em todos os olhos, cor em todas as faces, entusiasmo em todos os peitos.

Adozinda córara primeiro de prazer, entusiasmada também; depois estendeu-lhe a mão fina que ele beijou impando de vaidade satisfeita.

Depois, o cavaleiro de Montebelo, em voz repassada de amisavel ternura, contou os feitos de Ruy.

A sua coragem e bravura nunca se desmentiram, fóra sempre um dos primeiros a avançar, a expôr a vida, e um dos últimos a abandonar os campos de batalha. Tratara os feridos, repartira os seus mantimentos e o dinheiro que levava com os necessitados, fóra para o tio ao mesmo tempo um desvelado enfermeiro e um leal e bom amigo.

Com o seu exemplo de bondade e abnegação, sustara a revolta dos peões famintos e exaustos de fadiga, compartilhando com eles a fome e os sofrimentos.

Um murmúrio aprovador acolheu a narrativa do velho castelão e em muitos olhos luziram lágrimas, em todos os corações admiração. Mas não fóra acolhido com vivas, nem brados entusiásticos e Adozinda ao estender-lhe a mão, sentia pena de não ser elle o mais heroico.

Nisto alguém entrou no aposento, alguém que se dirigiu para junto de Adozinda e a quem ella beijou a mão respeitavelmente.

O velho frade Gorjaz, o santo homem que vivia mais com Deus do que com os homens, sempre junto dos que sofriam, dos desamparados, olhava para Ruy, pálido e triste, sentado junto da janela que horas antes Adozinda occupara.

E numa voz cheia de unção como quem conta uma história sagrada, contou o segredo da maravilhosa cura do senhor de Montebelo.

O frade adormecera junto do doente, escondido por detraz de um capote que o tapava todo do frio agreste da noite.

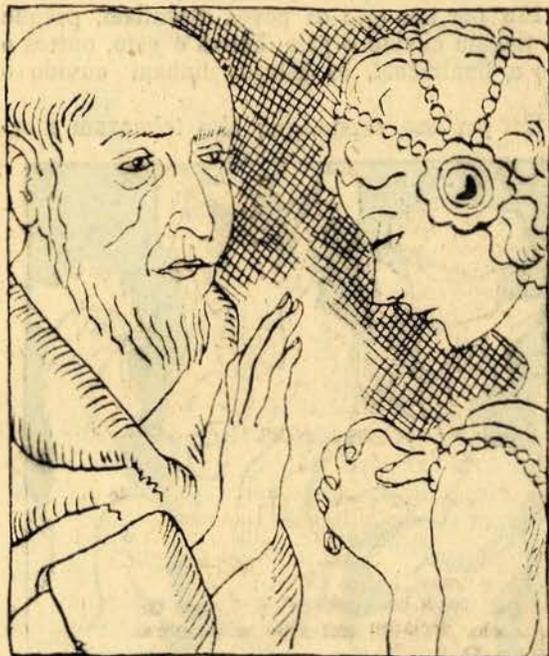
Então, alguém se aproximara pé ante pé e, curvando-

se para o agonisante, lhe limpou o suor da testa orvalhada. Depois, comovidamente, desnudara a ferida e, sem hesitação, sorveu dela o veneno de que estava impregnada a seta que a causara. O frade despertara aos primeiros movimentos do desconhecido salvador, que, desprezando a própria vida, fizera tão nobre feito ás escondidas, modestamente.

E contou tabém a scena a que assistira no alcazar do velho Emir, a defeza dos inimigos, a sua bondosa conduta com o velho e a jovem moura.

Ante o pasmo geral, a emoção que se traduzia em lágrimas e respeitoso silêncio, dirigiu-se a Ruy e exclamou, pegando-lhe na mão:

—Nobre amigo, teve o vosso gesto generoso maior valor para Deus do que imaginais na vossa modestia. Aquela a quem ensinaste o caminho da Cruz é hoje Soror Maria do Rosário e o velho Emir Gel-il-Allie, um bom cristão, que arrastou atraz de si centenas de amigos e parentes, para o caminho de Deus.



Adozinda, com os olhos fitos ávidamente nos de Ruy, avançou os poucos passos que os separavam e, cheia de amor, enlaçou-lhe o pescoço, beijando-o respeitavelmente na fronte alta e lisa, tão cheia de nobreza.

O velho fidalgo abraçou-o também como a um filho querido, comovido demais para poder falar e deante de tão grande vitória, Alvaro, a raiva no olhar e a tristeza no coração, humilhado, desapareceu sem que ninguém pensasse em o reter.

*
*
*

Repicavam de novo os sinos na capelinha do castelo.

No altar-mór milhares de velas brilhavam, iluminando tudo em redor de uma luz de alegria. Flores e flores brancas, cor de neve, enchiam os altares e estendiam-se no chão, formando uma perfumada alcatifa.

Ajoelhados junto do velho capelão de gestos bondosos, estava o par tão belo e juvenil.

Adozinda, fresca e risonha, sorria encantada no seu traje de noiva. Resplandecia de felicidade no níveo véu flutuante que a envolvia como uma onda de espuma, e, a seu lado, garboso no gibão de brocado de prata, os negros aneis da cabeleira, emoldurando-lhe o rosto inteligente, Ruy, mostrava-se o mais feliz dos noivos.

A missa estava no fim; o padre, magestosamente, estendeu as mãos esguias, abençoando o par que Deus acabava de unir por suas mãos, na mesma bênção de amor, de paz, de alegria.

(Continua na página 6)

(Continuado da página 1)

regiões que iam percorrer e os transeis difíceis por que haviam de passar. E Pum ia absorto nos seus trabalhos de descobertas e investigações científicas.

A tripulação estava confiada a um gato, que era o cozinheiro, por usar avental branco e ter longa prática da lareira; a um pato, que era o observador; a um galo, que estava incumbido de marcar o dia e a noite nas regiões polares; e a um cão, que desempenhava as funções de comandante.

De todos, o mais asoberbado de trabalho era o gato que, além dos cargos acima mencionados, acumulava o serviço de piloto, durante a noite.

Era por isso que os povos discutiam, porque uns tinham ouvido o galo, outros o gato, outros o pato e, finalmente, os galegos tinham ouvido o cão.

Era por isso, repito, que eles teimavam e ba-

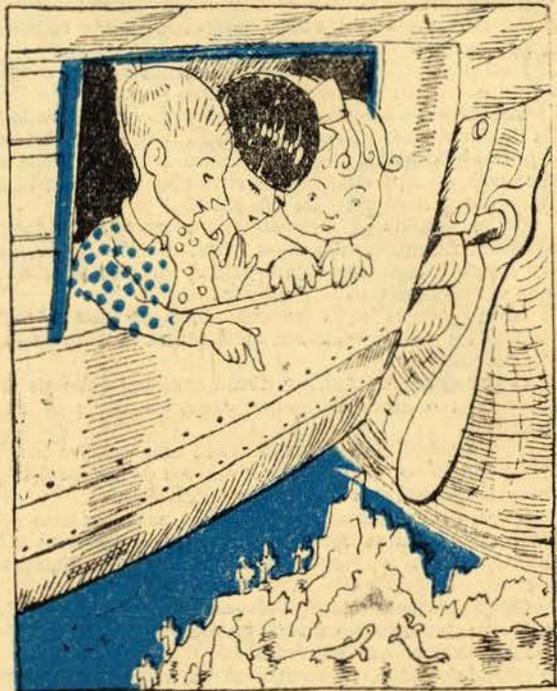


tiam o pé, como fazem os meninos quando não querem obedecer...

A viagem decorria bem. O tempo estava sereno, bonançoso, e um vento de feição arrastava o zeppelin para as regiões desertas e geladas dos ursos e das focas.

A tripulação trabalhava disciplinadamente. Apenas uma vez se queixara ao comandante de que o cozinheiro deixara esturrar a comida. E provada a acusação de que o gato adormecia à lareira, ele foi condenado à pena capital — um banho de água fria.

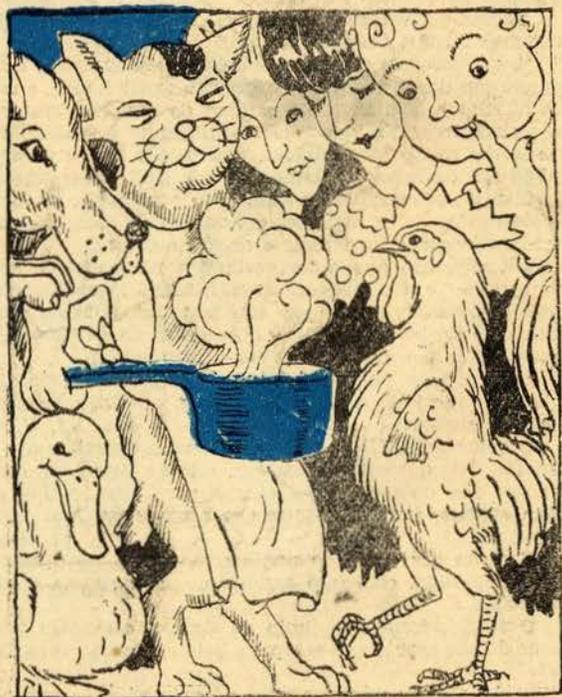
O pobre réu miou, protestou, barafustou. Mas tudo em vão. E no dia seguinte a máquina cinematográfica de Pam filmava o condenado a cumprir a sentença.



Foi horrível... mas, daí em diante, a reportagem de Pim dizia que a comida era excelente e foi resolvido homenagear o cozinheiro.

O dirigível chamava-se «Alfacinha». Atravesava já grandes extensões de neve. A viagem ia para quatro dias. O binóculo de Pam divisou pé-gadas no solo. Mas o gato perscrutou o horizonte e não viu nada de novo. O cão, por sua vez, ocorreu à ponte de comando. Como o seu faro não descobrisse motivo para receios, mandou parar o dirigível.

Desceu-se a âncora. E naquela paz glacial que



reinava, julgavam os audazes exploradores que iam, enfim, descansar das suas manobras a bordo. Até eles se enganavam.

la proceder-se à homenagem em honra do gato. De todos tripulantes era ele o mais sacrificado, com mais responsabilidades, de todas se desempenhando honrosamente.

O galo tomara a palavra. O seu discurso era era tão substancioso e extenso, e a que o seu có-có-ró-có dava finos recortes de eloquência, que já esvasiara a garrafa de água que tinha diante de si.

O cão fôra à cozinha e veio condecorar o gato com a «Real Comenda do Testo e do Garfo». Havia festa, alegria... O gato, desvanecido com a condecoração a esmaltar-lhe o peito, abanava o rabo, arqueava a espinha, e agradecia, penhorado, tantas honras, tantas amabilidades. E, num contentamento efusivo, abraçava os seus companheiros, quando, de repente, o pato começou a grasnar, a dar o brado de *álerta!*

Interrompeu-se a festa. O dirigível balouçava, e não se notava a mais pequena brisa.

O «Alfacinha» estava em perigo, bem como toda a tripulação. Esta acorreu a tomar os seus lugares a bordo, pronta a executar qualquer manobra. Que havia?

O gato fez as observações necessárias e veio conferenciar com o comandante.

— Um urso agarrara-se à corda de amarração! Estavam todos em perigo de vida!



Era preciso desembarçar a corda do urso. O cão começou a dar as suas ordens!

— O galo abaixo!

O galo saltou um vôo. E como para baixo todos os santos ajudam, êle achou-se, de repente, ao

pé do inimigo. Com o bico, atirou-se aos olhos do urso. Mas êste, rápido, astuto, agarrou-lhe uma asa. E o galo prêso, aflito, vendo-se perdido, soltou o có-có-ró-có de socorro.

— Acuda o gato! — gritou, em voz portentosa, o



comandante. E o pobre gato desceu pela corda, a custo, com todo o cuidado. Deu tal arranhadela no urso, que êste, com a dôr largou o gale.

— Suba o galo — ordenou o comandante. Mas êle, coitado, não podia voar. O urso engulira-lhe uma asa.

Lá de cima, Pim escrevia tranquilamente a reportagem da cena. Pum, com sua máquina, focava aquele combate singular, que inesperadamente lhe viera enriquecer a fita.

O pato anunciava novos perigos. Mais ursos avançavam já ao longe. O cão, aterrado, dera a ordem do «salve-se quem puder».

Lá em baixo, o urso ganhava vantagem. Agarrara pelo rabo o gato. Estava perdido o combate, já não restava a mais pequena escaramuça.

O cão mandara o pato cortar a corda. Era o salve-se quem puder, era a rendição do cão e do gato, era o málogro da viagem.

De repente, ouviu-se o galo cantar: — Vitória! Vitória!

O gato tivera uma idéa genial. Arrancara a condecoração. Com o testo arrolhou a bôca do urso e espetou-lhe o garfo no peito!

Estavam salvos. O gato salvara o dirigível, a tripulação, os passageiros, a própria ciência, — como havia de dizer Pum mais tarde, ao apresentar, na Real Academia de Estudos e Explorações Polares, a sua comunicação, que abalou os alicerces de todas as descobertas anteriores.

O gato trepou, então, levando o galo às costas. Este recolheu à enfermaria, a tratar o seu ferimento, que cicatrizou depressa, pois o pato aplicou-lhe uns sinapismos de neve.

(Continua na página 7)

C A R T A

DE CARFLOFER

A' menina MARIA DA CONCEIÇÃO PEDROSO ROSA RODRIGUES

no dia dos seus 9 anos



O tempo não passa,
voa!
Embaraça
uma pessoa,
com risco de sério engano.
Eu digo,
comigo,
às vezes:
— «Há-de haver
uns doze meses

vai-se a ver...
— hi já um ano!»

Do tempo a balda molesta
mostra-se bem manifesta,
dispensa que se comprove,
«A Ceíça, — notei, afoito —,
há um ano tinha oito.»
Vai-se a ver... — tem hoje nove!

Que me está mandando à fava
de apostar não se me dava
cem que fôssem contra um;
e que diz: — «Provocas riso!
Julgas ter
muito juízo,
vai-se a ver...
— não tens nenhum!»

Mas falemos do que importa,
lêque o dito letra morta,
simples gracejo, afinal.
Passa hoje o grande dia,
que nos enche de alegria,
da sua festa natal.

No florir duma menina,
a Natura lhe destina
brando alvor, vivo arrebol;

desabrocha, então, a flôr,
perfuma-se e toma côr,
às canções da luz do sol.

E não encontro florinha
mimosa como a Ceicinha,
que eu inda vi em botão.
Tem eflúvio que me prende,
tem fulgor que reacende
meu extinto coração.

Com esta carta começa
a efectivar-se a promessa
que nos «PARABENS» lhe fiz.
Desejo-lhe muitas prendas,
boneca tufada a rendas,
e um dia alegre, feliz.

A Vitória (*) tem estado
sempre da máquina ao lado,
lendo quanto fica escrito.
Com *entrain* me pede agora
que lhe mande o seu *embora*,
...que é um termo assaz bonito!

Surgiu-lhe há pouco a mania
de blasonar fidalguia.

(*) Boneca falante.

Deu-lhe volta a «cachimónia»!
Só usa palavras *finas*,
torce o nariz às variadas,
é mais uma *possidónia*!

Ontem vi-a carrancuda,
contra o seu hábito, muda.
Preguntei: — «Quem mal te fez?»
— «Deixa-me! Não tenho nada!»
— «Alguma trazes fígada...»
— «Eu quero aprender francês!»

Se minhas cartas guardar,
e as reler, quando chegar
a mulher, dirá consigo:
— «Coitado! há muito que é morto!...
Chamei-lhe «mau, feio e torto»,
mas foi meu sincero amigo!»

Até lá, se um invejoso
quizer saber, curioso,
se bem nos damos os dois,
com o estribilho da terra,
faça-o logo ir à serra:
grite-lhe aos ouvidos: — «POIS!!!»

F I M

ADOZINDA — (Continuado da página 3)

E, então, enquanto o côro subia aos Céus um hino de amor entoadado pelas vozes cristalinas e puras dos pagensitos e meninos de côro, secundados pela voz grave e doce do órgão, as donzelas e donas deitavam sobre os noivos catadupas de pé-lis de flôres perfumadas e Adozinda, criando mais e mais de apaixonada confusão, entregou ao noivo um coraçãozinho de rubim, cópia fiel da-

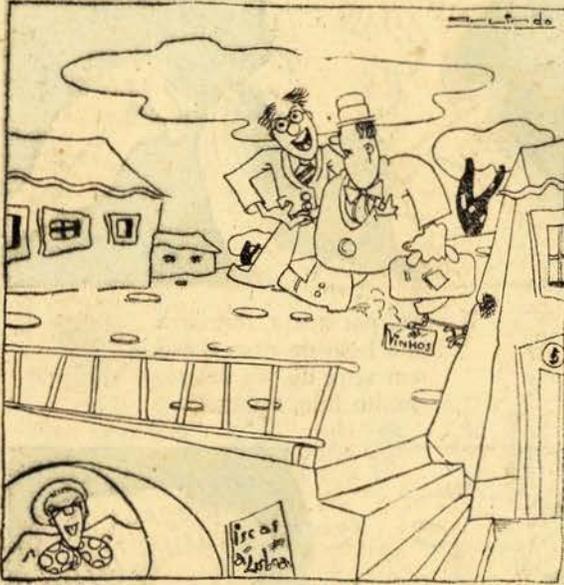
quele que em alvoroço lhe batia no peito em loucas badaladas.

Uma acção nobre, escondida modestamente, tem mais valor do que um acto de heroicidade retumbante.

HORA DE RECREIO

ANEDOTA

ADIVINHA



— «Lêste o meu último livro? Foi um sucesso!»
 — «De prateleira?»



— Onde estará a minha faca?

UMA VIAGEM AO POLO — (Continuado da página 5)

Estava vencido o combate. Apenas havia a lamentar a falta de uma asa no galo, e o gato vencedor era um herói mutilado — perdera a condecoração e o rabo! Grande máfia foi a dele, ao ver-se filmado sem esses dois preciosos apêndices, que lhe davam tanto valor e tanta graça!

— Levantar ferro! — comandou o cão. Mas a âncora estava mais pesada. Foi necessário o esforço de toda a tripulação. E qual não foi o seu espanto, a sua surpresa, ao verem preso nos dentes da âncora o corpo do urso...

Glória! Glória! Pim, Pam e Pum foram os primeiros exploradores polares, que conseguiram pescar um urso!

E já nem eram precisos mais títulos de honra e louvor. Já não era preciso continuar a viagem, pois bastava este feito para esculpir os seus nomes na História, legando-os à imortalidade!

O «Alfacinha» abandonou aqueles desertos gelados e frios, que eram o horror do gato, que não se cansava de estar no borralho, para poder resistir àquela temperatura.

E quando eles deslocaram, o cão, da ponte do

comando, farejou uma caterva de ursos, rugindo e rangendo os dentes de raiva.

Felizmente para o «Alfacinha» tinham chegado tarde. Um minuto mais cedo estaria tudo perdido!

E por uma madrugada fria de Outono regressavam aqueles afamados e afortunados exploradores.

Nenhum dos pequeninos leitores o viu, porque ainda dormiam tranquilamente o sono da manhã, e as suas imaginações voavam pelo alto, pelo firmamento, sonhando docemente como os anjinhos do Céu.

Eu, mais madrugador que vós, vi-os passar. E soube que eles tinham vendido o filme, a reportagem e o urso, a uma empresa americana, por um milhão de dólares.

Pim, Pam e Pum estão ricos, são milionários. Os leitores podem pedir-lhes um empréstimo...



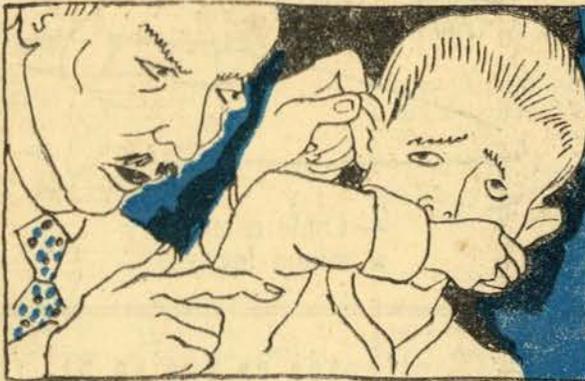
Lição mal compreendida



I — O Zézito dos Reis Pontes,
endiabrado petiz,
torcia a tudo o nariz,
só qu'ria as coisas aos montes.



II — Se, por acaso, lhe dava
um bólo de ovos a avó,
em vista de ser um só,
muito fulo, recusava.

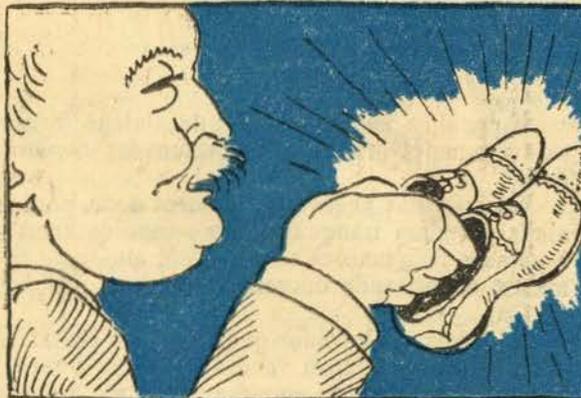


III — Castigando-o, o pai, um dia,
disse-lhe assim:—«um menino
bem criado, um bebê fino,
deve ter mais cortezia;



IV — não deve logo ficar
com quanto lhe of'reçam; ousa
tirar sòmente uma cousa,
para não desfeitear!»

V — Ora um tio do Zézinho,
chamado Zé Manoel,
que gostava muito d'ele
e era também seu padrinho,



VI — dava-lhe, às vezes bons fatos,
luvas, chapéus, de presente;
e ofertou-lhe, ultimamente,
um belo par de sapatos.



VII — Então, Zézinho, tentando
aparentar muito siso,
diz para o tio, indeciso,
num só sapato pegando:

VIII — «O Zézinho não aceita
os sapatos que of'receste;
e fica, apenas, com este,
para não fazer desfeita.